**A Península Itálica nos Tempos de Gregório Magno:**

**Os Vândalos, Ostrogodos e Lombardos.**

3.1. Gregório I e as representações dos *Regni* dos Vândalos e dos Ostrogodos.

Antes de iniciarmos este tópico achamos pertinente fazermos algumas observações. Neste item do capítulo trataremos exclusivamente da “memória” e não das relações entre o pontífice e as diversas entidades políticas e culturais contemporâneas a ele. Dito de outra maneira, a perspectiva adotada aqui será fazer um levantamento literário da produção gregoriana, procurando analisar o modo como o pontífice representava os vândalos e os ostrogodos.

Iniciamos nossa análise com a etnia vândala, mais distante geograficamente e temporalmente do mundo de Gregório I. O reino africano dos vândalos sobreviveu por mais de um século, desde o desembarque na costa norte africana, na esteira de Genserico (429), até a derrota do rei Gelimero (534) para o general Belisário, no contexto do processo de reconquista empreendida pelo imperador Justiniano. De acordo com Bottiglieri (2008, p. 81), duas ações na Península Itálica os tornaram notórios na historiografia tardo-medieval: as invasões e as incursões realizadas no solo itálico, particularmente o célebre saque a Roma (455) e as perseguições, muitas vezes violentas, infligidas ao clero católico. Vale a pena lembrar que os vândalos eram arianos.

3.1.1. As referências aos Vândalos nas obras de Gregório I

Os vândalos aparecem duas vezes nas obras de Gregório I e ambas às vezes nos *Dialogi.* Antes de continuarmos, sublinhamos que tal texto fora escrito pelo pontífice entre 593 e 594, portando, passados setenta anos do fim do reino vandálico.

A primeira menção aos vândalos é a famosa história sobre o bispo Paulinho de Nola. Este episódio aparece no terceiro livro dos *Dialogi* (III.1-8). A história se passa, precisa Gregório, no tempo em que os vândalos assolavam a Itália, devastando regiões como Campânia e deportando para a África muitos habitantes:

Quando os vândalos estavam exercendo seu roubo terrível na Campânia, um grande número de pessoas foi transportado para o solo africano. O homem de Deus, são Paulinho, sacrificou tudo o que tinha a sua disposição para beneficiar os prisioneiros e os pobres (*Dialogi*, III.1.2)[[1]](#footnote-1).

Em conformidade com a passagem acima, o bispo Paulinho doou todos os seus bens para os pobres e prisioneiros. Não havendo mais o que contribuir, ofereceu-se como escravo, no lugar de um único filho de uma viúva, para o rei dos vândalos. Gregório não especificou quem era o governante. Na corte real, o epíscopo se apresentou como jardineiro. Mas a frente, porém, o monarca, em um sonho, profetizou sua iminente morte. Na sua visão ele era condenado por alguns juízes. Entre os magistrados incluía-se um que tinha a aparência do prelado/jardineiro.

Paulinho se sentiu forçado a revelar que antes ocupava a função episcopal. O rei e seu genro lhe concederam o que ele desejasse. O bispo pediu e obteve a libertação e a repatriação de todos os prisioneiros de sua cidade. Pouco depois, a profecia sobre a morte do rei se concretizou. Para Gajano (2004), tal episódio foi escolhido por Gregório como objetivo de ilustrar a ação da *virtus intima* de Paulinho. Esta se manifestava no prelado através de seu exemplo na imitação de Cristo:

Desta forma, verificou-se a profecia de são Paulinho, o servo de Deus Todo-Poderoso. Que só foi entregue à escravidão para restaurar a liberdade, com uma série de companheiros de sofrimento. Nisto ele imitou Aquele que tomou a forma de escravo para nos libertar da escravidão do pecado. Em seus passos, Paulinho foi bom o suficiente para se fazer um escravo momentaneamente para, em seguida, retornar para a liberdade com uma série de cativos (*Dialogi*. III.1. 13-14)[[2]](#footnote-2).

Após este relado, como anuncia no fim do capítulo, o autor retorna a referir-se a *miraculosa exteriora*:

Após ressaltar na narrativa precedente as virtudes do santo bispo de Nola, devemos agora, se quisermos, destacarmos os milagres mais sensíveis e mais dramáticos. Eles são muito famosos e, além disso, eu aprendi com o povo de grande devoção, que é impossível de duvidá-los (*Dialogi*. III, I.17)[[3]](#footnote-3).

Acreditamos que a função dos vândalos, representado na pessoa de seu rei, era a de ter tido nas mãos, *dispensante Domino*, o “chicote” para a correção dos cristãos[[4]](#footnote-4). Eles eram, portanto, instrumento da punição divina, limitado ao tempo decretado por Deus: “Post non multos vero dies Vandalorum rex occubuit, et flagellum quod ad suam perniciem, dispensante Deo, pro fidelium disciplina acceperat amisit”[[5]](#footnote-5) (*Dialogi*, III.I.13).

A reconstrução histórica deste episódio tem sido objeto de propostas interpretativas que tem tentado de várias maneiras fazer coincidir a cronologia com a identificação do protagonista, a fim de avaliar qual era a consciência histórica de Gregório I na dimensão dos vândalos. No entanto, está bem estabelecido que este trecho seja lendário. O bispo mencionado por Gregório I não pode ser Paulinho de Nola, que morreu em 431, muito antes da época em que os vândalos se instalaram na Costa da África. As próprias incursões na Península, não são conhecidas antes de 455, ano do saque de Roma (BOTTIGLIERI, 2008, p. 84-85). Paulinho de Nola, portanto, nunca foi prisioneiro dos vândalos. Mas, por outro lado, poderia ter assistido a passagem dos visigodos de Alarico, em direção ao sul (AGOSTINHO DE HIPONA, *De Civitate Dei,* I, 10).

Não totalmente convincente é a proposta de identificação do bispo campano com outro homônimo. Entre os propositores podemos citar aqui U. Moricca, que na sua edição dos *Dialogi* (1924) postulava a existência de um terceiro bispo Paulinho, que viveu até 535 e foi capturado durante a segunda incursão vandálica na Itália, no tempo do rei Trasamundo (496-523). Porém, não temos nenhuma prova. Já, Joan Petersen, no artigo “*The Garden of Felix: The Literacy Connection between Gregory the Great and Paulinus of Nola*”, publicado em 1984 pela *Studia Monastica* (*Apud:* BOTTIGLIERI, 2008, p. 85), afirma que, baseado em muitas evidências do conto, Gregório I tinha em mente o próprio Paulinho de Nola, cujo trabalho literário era quase certamente conhecido pelo pontífice.

A invenção gregoriana de “Paulinho jardineiro” pode ser explicada através do próprio bispo de Nola. Pois, foi ele quem primeiramente utilizou a metáfora da jardinagem no Paraíso no paragrafo final de uma de suas epistolas (*Epistolae* 5, 15-16. Apud: BOTTIGLIERI, 2008, p. 85). Secundo Petersen, Gregório, na sua ânsia de enfatizar a santidade de Paulinho, adapta uma história de ações nobres, cujo santo seria capaz de sustentar. Assim, a identificação étnica dos vândalos é colocada em segundo plano quando se pensa exclusivamente nos possíveis objetivos de Gregório. Isto é, o pontífice talvez procurasse destacar a imagem de uma santidade heroica na figura deste prelado.

A caracterização dos vândalos aqui é efetivamente genérica, pois, estão totalmente ausentes conotações precisas, por exemplo, a menção ao arianismo. O genro do rei vândalo está “exaltado e intoxicado com prazer, uma prosperidade efêmera, o bárbaro nem sequer se dignou a ouvir sua oração” (*Dialogi,* III.I.5[[6]](#footnote-6)). E, apesar disso, encontra prazer em conversar com o sábio jardineiro, ao ponto de preferir sua companhia à das pessoas mais próximas a ele.

A segunda referência aos vândalos é a história de um prodígio ocorrido na África, contado nos *Dialogi* (III, XXXII). Nas palavras de Gregório: “No tempo do imperador Justiniano, assolava na África a perseguição infligida pelos vândalos arianos aos católicos”[[7]](#footnote-7) (*Dialogi* III, XXXII.1). Alguns bispos, obstinados a defender a ortodoxia católica, foram levados aos tribunais, mas permaneceram firmes em sua fé. O rei vândalo, não obtendo sucesso em convertê-los à heterodoxia, como muitos reis presentes no conto hagiográfico, ordena que sejam cortadas suas línguas. Na sequência, o milagre acontece, pois, continuavam, “mesmo sem a língua a falar em defesa da verdade”[[8]](#footnote-8) (*Dialogi* III, XXXII.1).

De acordo com C. Bottiglieri (2008, p. 87), tal episódio tem um fonte histórica bem precisa: a *Historia persecutionis Vandalicae,* III 5, 6 de Victor Vitensis. Gregório, portanto, atribuiu ao tempo de Justiniano (527-565) um fato que está relacionado às perseguições de Unerico (477-484), rei dos vândalos e alanos. O bispo de Vita menciona alguns moradores de Tipasa, na Mauritânia. Ali habitava um prelado ariano que tentava convertê-los a heresia, primeiro com lisonjas e depois com ameaças. Nos *Dialogi* o episódio o episódio de Victor aparece simplificado e os fiéis se tornam bispos.

Gregório afirmar que muitos destes bispos se refugiaram em Constantinopla para escapar das perseguições. E mais, ainda adiciona uma testemunha direta, que ele mesmo encontrou na capital oriental:

Estes, portanto, são os refugiados, que naquela época, vieram para a cidade de Constantinopla. No momento em que o príncipe da Igreja me enviou para lá, para completar as respostas, encontrei um bispo mais velho que afirmava ter encontrado aqueles que falavam sem a língua e que com a boca aberta exclamavam: “Olha, pois, não temos línguas, e falamos!” (*Dialogi*, III, XXXII, 3)[[9]](#footnote-9)

No fim desta narrativa, Gregório conclui: “Basta ter disto isto para condenar a heresia ariana”[[10]](#footnote-10) (*Dialogi*, III, XXXII, 3).

Nas duas passagens dos *Dialogi* examinadas aqui tratamos de trechos que contribuíram para a triste fama dos vândalos. No primeiro episódio, as incursões e as invasões, comuns a muitos outros povos germânicos. No segundo, a perseguição ariana contra os niceístas. Neste último, entretanto, a referência aos vândalos é muito mais precisa e historicamente centrada, pois, a memória desta etnia está associada à condenação desta heresia. Particularmente, a áspera perseguição ocorrida durante o governo de Unerico contra a ortodoxia católica

A Igreja Católica tem contribuído em voz alta a *damnatio memoriae* do reino vandálico, pois tinham limitado sua liberdade e anulado sua posição de total privilégio, bem como, despojada dos bens que foram passados para a rival Igreja ariana. É evidentes que os vândalos não eram nem tolerantes nem clarividentes como os ostrogodos na Itália, pois recorreram a medidas perseguidoras muito enérgicas e implacáveis. (ONESTI, 2002, p. 74)[[11]](#footnote-11)

A imagem dos vândalos na historiografia se formou sob a ótica de grande oposição católica, incluindo aqui o biógrafo de santo Agostinho Possídio, o bispo de Cartago Quodvultdues (*Liber promissionum*), bem como, o histórico das perseguições vandálicas de Vittore di Vitta (*Historia persecutionis Africanae Provinciae, temporibus Geiserici et Hunirici regum Wandalorum)*, que tiveram grande sucesso e difusão (BOTTIGLIERI, 2008, p. 88). E mais, o trabalho deste último bispo é na visão de Ferruccio Bertini (1974, p. 77): “um apelo, em forma de súplica, da Igreja africana ao imperador bizantino para obter a sua intervenção contra os reis vândalos”[[12]](#footnote-12).

Portanto, a memória dos vândalos que chegou a Gregório I é aquela constituída pela Igreja da África, “em cento e cinquenta anos de sua história, um século e meio no qual se encontrava confrontado com a hostilidade aberta do inimigo externo, o *Arrianus* *furor* dos invasores vândalos...” como bem resumiu, no fim do seu longo ensaio, Antonio Placanica (2001, p. 240)[[13]](#footnote-13).

A adesão ao arianismo e a perseguição infligida àqueles que se opõe a ela é bem mais grave que qualquer devastação material, pois significa ruina espiritual, como já havia dito Agostinho: “não é contra os *barbarus* que se volta a animosidade dos católicos, mas o *barbarus arianus*, os ímpios enlaçados por lisonjas e ameaças, subtraindo os católicos da perspectiva de salvação eterna” (ISOLA, 1990, p. 77[[14]](#footnote-14)). Portanto, é o arianismo associado aos bárbaros que relega a memória dos vândalos em um ponto de vista que para Gregório I não há possibilidade de salvação.

3.1.2. Referência aos Ostrogodos nas obras de Gregório I

O discurso relativo aos ostrogodos é muito mais complexo e articulado se comparado aos vândalos. Em termos históricos, o reino ostrogodo na Itália iniciou-se com Teodorio, em 493, e foi destruído no final da guerra grego-gótica, pela tropa imperial de Narsete, em 553. Marcando, para Gregório I que nasceu provavelmente em 540, uma história recente da Península. Além disso, não podemos desconsiderar que ele ainda contou com a viva memória, legada pela tradição oral, das testemunhas oculares deste período, que se tornaram “fontes históricas” coletadas pelo pontífice.

As referências aos ostrogodos nos trabalhos de Gregório I são fortes e bem enraizadas. Aparecendo em relatos nos quais eles são os deuteragonistas – uma vez que Deus sempre ocupa a posição de protagonista. Tais menções são apresentadas, geralmente, na forma de locuções cronológicas, como aporte para a exposição de um evento ou história, como exemplos: “no tempo dos Godos”, “ao tempo do rei Totila” e etc. A maior parte das citações se encontra nos *Dialogi*, com excessão de duas passagens presentes nas *Homiliae in Evangelia* e no epistolário do Pontífice.

Os godos são personagens ativos em treze histórias dos *Dialogi*. Teodorico, seu rei mais famoso, aparece apenas em uma delas, justamente a que trata de sua terrível morte, em 526 (*Dialogi* IV.XXXI). Episódio reportado por Gregório I a partir de relatos transmitidos oralmente. No caso, um anacoreta da ilha de Lipari contou a um informante do pontífice que viu Teodorico morrer: “Ontem, por volta das três da tarde, seminu e descalço, com as mãos amarradas, acompanhado de Simmaco e do papa João, foi conduzido e jogado na cratera do vulcão nas proximidades”[[15]](#footnote-15). Por conhecer o motivo de uma morte tão cruel, o bispo romano acrescenta: “como fez morrer em cárcere o papa João, bem como, assassinou o patrício Simmaco, para o fogo foi lançado, com justiça, por aqueles que condenou injustamente”[[16]](#footnote-16).

É surpreendente que uma personagem da estatura de Teodorico seja recordada por Gregório I apenas por sua morte exemplar que, na visão do papa, serve para confirmar sua condenação eterna. Trata-se dos últimos acontecimentos da vida do rei godo, período em que se viveu a repressão seguida pela política anti-ariana do Império do Oriente, que culminou tanto com o martírio de Simmaco e Boécio, bem como, com o cárcere do papa João I (523-526). Na primavera de 526, este pontífice foi forçado a uma difícil incumbência em Constantinopla, obter a anulação das medidas anti-arianas promulgadas pelo imperador Justino (518-527). Ao retornar da infrutífera missão a Roma foi aprisionado por Teodorico, morrendo poucos meses antes do rei, em 526.

Claudio Azarra (2001) afirma que a página do *Liber Ponticalis* dedicada a biografia de João I é a responsável pela origem da memória de Teodorico como *rex hereticus*. E mais, tal rei, na época carolíngia, de acordo com F. Simoni (2001), sofreu uma impressionante *damnatio memoriae* eclesiástica, posta em prática, especialmente, em duas obras de grande difusão, os *Dialogi* de Gregório Magno e o *Liber in gloria martyrum* de Gregório de Tours.

O rei ostrogodo Totila (541-552) é mais ativo, como personagem, nos *Dialogi*, que Teodorico. O primeiro aparece em seis episódios. Uma explicação plausível seria a de que a geografia de suas provocações e insultos aos devotos cobre uma vasta área na Península, que se estende da Toscana, Úmbria, Apúlia, passando por Lázio e Campânia.

No segundo livro do *Dialogi*, dedicado a são Bento de Nórcia, Totila, “naturalmente astuto, queria testar se o homem de Deus tinha realmente o espírito de profecia”[[17]](#footnote-17) (*Dialogi,* II.XIV.1). Isto é, de acordo com a descrição gregoriana, o rei decidiu verificar se a fama profética de Bento era verdadeira. Para isto, orquestrou uma trama. Enviou, em seu lugar, o escudeiro Riggo, travestido de rei. Contudo, o santo o desmascarou de imediato. Totila, então, foi pessoalmente até ele, se prostrando a seus pés. Ali, ouviu tanto a profecia sobre sua própria morte como aceitou, de cabeça baixa, a repreensão de Bento sobre sua própria maldade. A partir deste dia, ele se tornou um pouco menos cruel, porém a mudança de postura não impediu a concretização da profecia anunciada pelo monge. Nas palavras de Gregório I: “

Ao ouvir isto, o rei ficou extremamente assustado, fez orações e se retirou. Por isso, ficou menos cruel; algum tempo depois ele foi para Roma e para a Sicília; mas no décimo ano de seu reinado, pelo justo julgamento de Deus Todo-Poderoso, perdeu a coroa e a vida.[[18]](#footnote-18)

Devemos fazer algumas observações ao que respeita a cronologia. Totila ingressou em Roma nos anos de 546 e 550, indo para Sicília em maio deste último ano. Ele morreu em 552, no décimo primeiro ano de seu reinado. Assim, a narração gregoriana *decimo morieris* erra por um ano. Já a visita real a são Bento ocorreu em 546 (BOTTIGLIERI, 2008, p. 91)

Um fato análogo ocorreu com Sabino, bispo de Canosa (*Dialogi,* III. V). Totila, que não acreditava (*minime credidit*) nos poderes proféticos deste epíscopo, preparou-lhe uma prova. O rei, na mesa, passou-se como seu servo entregando-lhe o cálice de vinho. Contudo, ele, que naquela época estava quase cego – devido à avançada idade –, reconheceu o governante em ato contínuo, da mesma forma como havia feito são Bento. Assim, “o rei sentiu-se alegre e, ao mesmo tempo, confuso, pois, embora descoberto, tinha encontrado o homem de Deus que procurava”[[19]](#footnote-19).

Totila também mostrou desprezo, devido a aparência física, pelo bispo Cássio de Narni. Este tinha o rosto avermelhado (*facies rubere*). Porém, Deus fez o rei godo enxergar a grandeza do prelado, quando expulsou um demônio de um soldado possuído na frente de todo o exército. Após este episódio o *rex barbarus* passou a respeitar o servo de Deus (*Dialogi*, III.VI).

Ainda nos *Dialogi* (III.XI.1-3) encontramos o rei godo enfurecido contra Cerbônio de Populônia, pois este clérigo ofereceu abrigo a alguns soldados, protegendo-o, desta maneira, dos godos. Porém, quando Totila, caracterizado por Gregório I como o pérfido rei dos godos (*Gothorum rex perfidus)*, foi informado do fato, ficou “cego” devida a sua implacável crueldade (crudelitatis inmanissimae uesania succensus) e ordenou que o bispo fosse dado como alimento para um urso.

Para Gregório I o espetáculo da morte de Cerbônio tinha como objetivo satisfazer a severidade do desumano rei (*saeui regis animum satiare*). No entanto, o urso, ao invés de devorá-lo, lambeu seus pés. O rei, em reação ao comportamento do mamífero, foi a de irresistivelmente inclinar-se e prestar profunda referência (*Tunc ad eius reuerentiam colendam rex ipse permotus est*) ao bispo.

Já Fulgêncio de Otricoli, (*Dialogi* III.XII) via, nas palavras de Gregório I, em Totila um ferrenho inimigo (*regem crudelissimum Totilam infensum omnimodo habebat*). Em vão o bispo procurou uma aproximação pacífica. Pois, mesmo enviando-lhe presentes, na tentativa de minimizar a sua raiva (*furores insaniam*), o rei ordenou a seus soldados que o capturassem e o amarrassem bem forte.

Contudo, no momento em que os godos se aproximam e cercam o clérigo, aconteceu o prodígio: iniciou-se uma tempestade que atingiu a todos, com exceção, evidentemente, do bispo. Quando tais notícias chegam aos ouvidos de Totila, “sua crueldade inverteu-se para profunda reverência à pessoa cuja tortura e insaciável ferocidade antes parecia sedenta”[[20]](#footnote-20). Temos aqui, assim como nos episódios descritos anteriormente, os atributos caracterizantes deste rei godo: a descrença e a crueldade.

Novamente no tempo de Totila (Totilae autem perfidi regis temporibus), talvez menos por sua pré-disposição que pela imagem que Gregório I queria construir deste governante/etnia, ocorreu o sangrento martírio de Herculano, bispo de Perugia. O sacerdote foi decapitado por ordem do rei, porém seu corpo foi encontrado intacto quarenta dias após o seu enterro. E mais, na descrição gregoriana do evento, o grau de conservação do corpo de epíscopo foi tamanho que não havia qualquer sinal de corte entre a cabeça e o tronco (*Dialogi* III.XIII)[[21]](#footnote-21).

Além de Totila, nos *Dialogi*, também encontramos mais duas personagens com funções similares ao governante: Darida (I.II, 2-3) e Zalla (II.XXX e II.XXXI).

No episódio gregoriano, Darida[[22]](#footnote-22), chefe militar godo (*Gothorum comes cum exercitu*), que estava em marcha com seu exército para o Sul da península, deparou-se com Libertino, prior (*praepositus*) do monastério de Fundi, que estava viajando a cavalo pela província de Sannio. Ali, os soldados desmontam o eclesiástico jogando-o ao chão. O abade entrou em oração enquanto o exército continuava sua cavalgada.

Porém, chegando ao rio Volturno os cavalos ficaram apavorados e paralisados, como se estivem imobilizados de medo diante das águas do rio. Impossibilitados de continuar, retornam pelo mesmo caminho e encontram o monge, no mesmo lugar. Nesse novo encontro, devolveram-lhe seu cavalo e, em seguida, marcharam em direção ao flúmen, mas desta vez os cavalos atravessaram-no sem medo ou hesitação[[23]](#footnote-23).

Zalla um godo que viveu na época de Tolila, por sua vez, aparece na obra gregoriana como um seguidor da heresia ariana (*perfidiae fuit arrianae*). Este indivíduo é descrito como um ser animado pela cólera e pela crueldade desumana contra todas as pessoas consagradas a Igreja católica (*contra catholicae ecclesiae religiosos uiros ardore inmanissimae crudelitatis exarsit*), ao ponto que nenhum homem da Igreja apresentado a ele saia vivo[[24]](#footnote-24).

Segundo Gregório I, um camponês (*rusticus)*, após tortura, confessou a Zalla que deu todos os bens a são Bento. O godo, então, amarrou os braços deste homem e o levou a força até o monastério. Chegando lá, exigiu que o santo clérigo restituísse todos os bens ao campesino. Bento, por sua vez e em resposta ao ato, derreteu com seu olhar as cordas que aprisionavam o agricultor. Em ato contínuo, Zalla desceu apressadamente de seu cavalo e prostrou-se aos pés do santo pedindo-lhe por orações (*Dialogi* II.XXXI,1-3)[[25]](#footnote-25).

No final do episódio Gregório reitera:

Isto demonstra, Pedro, o que já havia dito anteriormente: aqueles que servem a Deus onipotente com fidelidade e constância, as vezes, podem realizar milagres, apenas com o poder que lhe é conferido. De fato, mesmo não domando a terrível violência do godo, simplesmente se desfez as amarras que seguravam os braços de um inocente, o imediatismo com que operou o milagre, demonstra que ele só poderia fazer o que fez, graças a um poder recebido (*Dialogi* II.XXXI.4)[[26]](#footnote-26).

Este episódio é anunciado no fim do capítulo precedente (*Dialogi* II.XXX.4), no qual Gregório exprimiu a intenção de narrar dois fatos que ilustram respectivamente a dupla natureza do milagre operado por são Bento: pelo poder recebido por Deus (*ex potestate*) e pela oração (ex oratione)[[27]](#footnote-27).

Assim, perante o desafio lançado por Zalla, Bento responde com um milagre *ex potestate*, que é realizado pela força do olhar.

Encontramos um caso curioso envolvendo um godo nos *Dialogi*. Gregório I nos conta que um godo se interessou pela vida monástica (*Dialogi* II.VI.). Porém, quando trabalhava, derrubou em um lago, devido à falta de destreza, a alça da foice que fora dada por são Bento para roçar uma área de terra, onde seria cultivada uma horta. Prodigiosamente são Bento fez emergir das águas o objeto e, em seguida, consola o godo: “Aqui, trabalha e não se aflija”(*Dialogi* II.VI.2)[[28]](#footnote-28).

Também encontramos godos que viajavam para Ravenna com um vinho que nunca terminava. Tal bebida foi um presente do bispo Bonifácio de *Ferentium* (*Dialogi* I.IX.14)*.* Também há aqueles que sequestraram duas crianças de uma propriedade em Todi. O líder godo foi punido pelo bispo Fortunato, pois segundo Gregório I, este sacerdote provocou a queda de seu cavalo e, por extensão, a quebra de seu fêmur. No entanto, assim que devolveram os reféns, tal homem foi curado com água benta aspergida por Fortunato (*Dialogi* I.X.12-16). Há também aqueles que na Campânia incendiaram a cela do monge Bento, que mesmo preso permaneceu ileso (*Dialogi* III.XVIII.1-2).

No que tange a posição cronológica, a maior parte dos eventos que Gregório narra sobre os godos nasceram de episódios transmitidos oralmente, por isso predominam referências a Totila (541-552), um dos últimos governantes desta etnia (BOTTIGLIERI, 2008, p. 96).

Em alguns casos o apontamento a tal monarca é explicito. Entre os exemplos, podemos citar: *Dialogi* III.XVIII: “*Totilae regis Tempore*”; *Dialogi* I.II: “*regis Totilae tempore*” e *Dialogi* II.31: “*qui Totilae regis eorum temporibus*”. Um único evento está relacionado ao tempo de Teodorico. Aquele que narra o seu fim: *Dialogi* IV.XXXI – “*Theodorici regis tempore*”. Contudo, muitas vezes, especialmente quando os godos são os personagem dos episódios não há precisão cronológica. Entre os exemplos, podemos citar: *Dialogi* I.IX: “*Alio item tempore*”; *Dialogi* I.X: “*Quadam die*” e *Dialogi* II.VI: “*Alio quoque tempore*”.

Em mais de um caso a indicação “no tempo dos godos” enquadra um evento em que o protagonista é o rei dos godos Totila. Como no caso do encontro com são Bento de Nórcia: *Dialogi* II.XIV: “*Gothorum manque temporibus...*”. Ou ainda em *Dialogi* III.VI: “*Eodem Gothorum tempore...*”. Apenas em um caso há uma conotação negativa: *Dialogi* III.XIII: “*Totilae autem perfidi regis temporibus*”.

Outras vezes, a memória dos godos na Península serve somente para um genérico dimensionamento cronológico dos fatos e eventos, haja vista, que não há nenhum personagem godo na narração. Isto acontece, por exemplo, nas seguintes passagens:

*Dialogi* III.XIV.1: “Havia perto de Spoleto um homem de vida santa, chamado Isaac, que viveu do início até quase o fim da dominação dos godos”[[29]](#footnote-29).

*Dialogi* IV.XIV.1: “No tempo dos godos, Galla, uma jovem mulher da mais alta nobreza romana, filha do cônsul e patrício Simmaco, casou-se ainda adolescente, porém em menos de um ano ficou viúva”[[30]](#footnote-30).

*Dialogi* IV.XXXII.2: “No tempo dos godos, morreu um homem notável, de nome Reparato”[[31]](#footnote-31).

Alguns fatos são narrados em anos que se encaixam sob o período de dominação dos ostrogodos, no entanto, Gregório I não mencionou explicitamente o rei godo. Em seu lugar, aparece o nome do imperador do Oriente. Uma delas diz respeito ao pontífice João I, célebre vítima da perseguição teodoriciana, enviado a Constantinopla por Teodorico em 526: “Na época dos godos, o beatíssimo João, pontífice da nossa Igreja Romana, em seu caminho para visitar o Imperador Justino, o Velho, chegou ao território de Corinto” (*Dialogi* III.II.1[[32]](#footnote-32)).

Outro episódio, agora relacionado ao papa Agapito (535-36), enviado a Constantinopla por Teodato (534-36), para tentar junto ao imperador Justiniano a não invasão do exército comandado por Belisário na Península: “Não muito tempo depois, a fim de defender a causa dos godos, foi para a corte do Imperador Justiniano o também beatíssimo Papa Agapito, Pontífice da Igreja Romana, que, de acordo com o beneplácito de Deus, eu sou servo” (*Dialogi* III.III.1)[[33]](#footnote-33).

Outras duas referências “aos tempos dos godos” são mencionadas nos trabalhos de Gregório I. A primeira no *Registrum Epistolarum*, mas especificamente na epístola IV.XIX endereçada a Gregorius Leoni acolytho: “....Certifique-se de recolher as rendas anuais de todas as casas construídas nesta cidade, elas pertencem a essa igreja, desde o tempo dos godos....[[34]](#footnote-34)”. E, a segunda nas *Homiliae in evangelia* II.XXXII.7: “Nos tempos dos Godos, havia uma matrona que era muito religiosa...”[[35]](#footnote-35).

Os godos marcaram uma parte da história da Península Itálica. Tal etnia dominou esta região em um período no qual viveram muitos “*sancti italicii*” que Gregório I se interessou em narrar. Pessoas que, segundo Sofia B. Gajano (2004, p. 255) foram muitas vezes “usuários, beneficiários ou vítimas da *virtus*” desta santidade. Acreditamos ser útil lembrar que há diferenças claras na apresentação dos godos e dos lombardos, que são as etnias mais presentes nos *Dialogi.* Como ilustrou a supracitada autora:

“Os godos são pérfidos e cruéis, e seu rei Totila é de fato o *rex crudelissimus* por excelência, que acabam sendo inseridos e, muitas vezes, envolvidos em um arrependimento final da mesma realidade religiosa que procuram destruir ou ridicularizar. Se em alguns casos, aparecem espontaneamente curiosos pela santidade e por suas manifestações, todos os episodio concluem-se com sua devota submissão ao homem que quis perseguir, proteger ou enganar” (GAJANO, 2004, p. 255)[[36]](#footnote-36).

Como veremos com mais detalhes no próximo tópico, os lombardos, na visão gregoriana, são apresentados como “...um problema político, militar, diplomático, não um problema religioso (...): eles permanecem estranhos à realidade religiosa dos santos nos *Dialogi*” (GAJANO, 2004, p. 257)[[37]](#footnote-37).

Os godos estão mais distante temporalmente, dispersos como entidade política e em parte acabaram assimilados, progressivamente, pela população itálica. A crueldade atribuída a Totila refletia, segundo Sofia B. Gajano (2004, p. 256), do ódio que a classe dos grandes proprietários de terras nutria contra os invasores que ameaçavam suas riquezas. E mais, tal característica atribuída a este rei é, segundo Corinna Bottiglieri (2008, p. 98) mais um ingrediente de grande efeito para dar contraste entre as *virtutes* dos *viri venerabiles*, sobretudo, porque a crueldade é sempre induzida ao arrependimento, coisa que não se sucede, pelo menos nas narrações gregorianas, com os lombardos.

Portanto, Gregório I usou todos os artifícios que dispunha para realçar as virtudes dos “seus” santos. Neste sentido, os antagonistas seriam aqueles que atestariam através de suas derrotas, punições e arrependimentos a santidade de tais homens. Por sua vez, os lombardos, como veremos, são muito mais perigosos na perspectiva gregoriana.

Portanto podemos concluir que a memória referente aos ostrogodos encontra uma utilização e cumprimento na perspectiva edificante e pastoral dos *Dialogi*, se alinhando, inclusive, com uma determinada tradição historiográfica. Como revela Marc Reydellet (1981) “é notável que Gregório Magno (...) manteve da época ostrogoda a memória das desesperadas lutas do fim”[[38]](#footnote-38). É a chave religiosa que dá sentido a esta memória, pois, para este fim, os últimos anos do reino ostrogodo são os mais utilizáveis, essencialmente a partir da perseguição infligida por Teodorico a Simmaco e ao papa João I.

Neste sentido, percebemos que coexistem nos *Dialogi* tanto os reflexos de uma tradição negativa, de base religiosa anti-ariana, formada a parti dos últimos anos de governo de Teodorico, como, uma tradição mais anedótica, cuja base é de matriz oral, relativa ao impacto e interação entre os godos e os habitantes da Península. Por outro lado, não identificamos nos escritos de Gregório qualquer traço da historiografia que representava os aspectos positivos do reino romano-barbárico fundado por Teodorico[[39]](#footnote-39).

Em conclusão, nos *Dialogi* há uma perspectiva de observação sobre toda a Itália que, olhando para o passado, deparasse com os vândalos e os ostrogodos, os quais procuram utiliza-los da melhor forma possível. Os primeiros se destacam nos *Dialogi* principalmente por suas ações do outro lado do Mediterrâneo, haja vista que Paulinho de Nola se fez deportar para o Norte da África. Quanto aos segundos, Gregório sublinha principalmente a submissão de seus personagens godos as *virtutes* dos *viri Dei* italianos, encaminhando-os ou para a conversão ou, pelo menos, para o arrependimento ou mitigação de suas crueldades. Exceção feita ao fogo eterno ao qual foi destinado Teodorico.

Mas às portas de Gregório I estavam os lombardos. Com esta etnia o problema não é saber se eles serão salvos ou não, mas compreender como salvar a Igreja. Será que os exemplos das derrotas godas poderia induzir o arrependimento dos novos bárbaros?

3.2. Gregório I e o reino dos Lombardos.

No mês de julho de 603, em uma epístola remetida ao novo imperador Foca, Gregório I sublinha as inúmeras incursões realizadas pelos lombardos no curso de 35 anos: “Não podemos esgotar com as vozes nenhuma descrição de como fomos oprimidos, nesses trinta e cinco anos, cotidianamente pela espada e pelas numerosas incursões dos lombardos” (*Ep*. XIII.XXXIX)[[40]](#footnote-40). Este resumo, escrito a menos de um ano da morte do pontífice, retoma um tópico recorrente nas suas epístolas. Haja vista que Gregório I já lhes atribuía desde sua chegada à Península, em 568, uma imagem muito negativa: “pelos quais os pactos são espadas e a benevolência é punição” (*Ep.* I.XXX)[[41]](#footnote-41).

Ou seja, sempre mostrou pouca simpatia para com os “*nefandissimi Langobardi*”, como o mesmo exprime repetidamente. Muitos historiadores[[42]](#footnote-42) elencaram, seja a partir do *Registrum Epistolarum* como dos *Dialogi*, os motivos desta caracterização: o perigo, político e militar, representado pelos lombardos era a principal preocupação do pontífice.

Contudo, tentaremos aqui visualizarmos estas relações de uma posição diferente de tal corrente. O que não significa refutar por completo tais julgamentos, que consideramos, bem verdade, essencialmente bem fundamentados. Acreditamos valer a pena tanto analisar as etapas das frequentes citações a partir de um contexto político preciso no qual foram escritos e, igualmente, perceber o âmbito dos interesses e as estratégias textuais utilizadas por Gregório I.

Em termos quantitativos, a referência direta a palavra “lombardo” aparece em dezoito epístolas gregorianas. Porém, quando adicionados às referências indiretas, isto é, a correspondência que menciona os nomes dos reis e dos duques desta etnia, bem como, as que tratam dos “bárbaros” em geral, ultrapassamos a marca de quarenta epístolas que possuem alguma relação com este grupo germânico. Tais textos foram escritos e remetidos, basicamente, por todo o período do papado de Gregório I. Porém, constatamos uma maior concentração nos livros V (setembro de 594 a agosto de 595) e IX (setembro de 598 a agosto de 599), e uma ausência quase que total nos livros III (setembro de 592 a agosto de 593) e VIII (setembro de 597 a agosto de 598).

Os quadros que emergem destas epístolas são complexos. Pois entre as linhas se revelam as tensões derivadas tanto da situação presente como também da mentalidade do papa. Como vimos no segundo capítulo, este vivia uma tensão fundamental entre a identidade romana, que significava a lealdade ao sistema imperial, de um lado; e a procura, de outro, por uma nova autoridade espiritual que fosse capaz de lidar com uma dimensão apocalíptica, da qual os “bárbaros” eram apenas um sinal (LEYSER, 2000, p. 160-87).

Tensão, portanto, entre o legitimismo romano e o desprezo pela gestão do poder imperial; tensão entre a imagem dos germânicos, descritos de forma estereotipada (“*nefandissimi Langobardi*” ou “*Langobardorum gladii*”) e a *Realpolitik* de Gregório I; tensão entre as difamações globais conferidas aos lombardos, como pagãos ou heréticos, e o suporte para os lombardos católicos ou mesmo o desejo de fazer um acordo de paz entre ambas às partes; e, finalmente, a tensão entre o medo que a invasão inacabada dos lombardos pudesse, após um período de paralização, retomar a força inicial e se espalhar para o resto da Península; e, por fim, entre o sucesso limitado dos lombardos, que estavam cada vez mais dispostos a aceitar o *status* *quo* de uma divisão da Itália.

A *posteriori* sabemos que, malgrado, os grandes gestos e os ultimatos empreendidos por Gregório I, os deslocamentos territoriais lombardos foram marginais. No entanto, consideramos que as preocupações do bispo de Roma são perfeitamente compreensíveis, haja vista que ele temia o pior e, ao mesmo tempo, esperava o melhor. Isto é, esperava por um golpe decisivo, seja da parte do reino lombardo seja da parte de Bizâncio, para resolver de vez a divisão territorial nascida a partir de 568.

Cabe fazermos uma pequena ressalva. As epístolas são decepcionantes se pretendêssemos juntar fatos ressonantes por trás da retórica anti-germânica deste papa. Algumas sés são agregadas a outras, pois sofreram depredações germânicas não especificadas[[43]](#footnote-43). Mas não sabemos, por exemplo, se a destruição da igreja de Minturno, naquele período sob-responsabilidade do bispo Formia, foi devido a um ataque lombardo recente. Lembrando que tal região já tinha sido palco de confrontos na guerra Greco-gótica (*Ep.* I.VIII).

Por vezes, contudo, o efeito assolador dos ataques lombardos tornam-se mais claros. Por exemplo, no episódio ocorrido no mês de julho de 592, quando Gregório perguntava ao arcebispo João de Ravenna se houve o pagamento do resgate dos habitantes de Fano capturados por Ariulfo de Spoleto e se o mesmo conseguiu persuadir o exarca romano a concluir uma paz com tal duque (*Ep*. II.XXXVIII). Negociar o resgate era a época um procedimento normal entre o Império e os germânicos. Neste sentido, Gregório I, algumas ocasiões, intercedeu a favor dos prisioneiros ou se comprometeu a encontrar o dinheiro (*Ep.* VII.XXIII).

É também famosa a descrição feita por Gregório I, durante o assédio de 595 (*Ep*. V.XXXVI). Nela, ele olhava, sob os muros de Roma, como os lombardos levavam os camponeses amarados com cordas nos pescoços para o território dos francos. Cenas de guerra, talvez um pouco dramatizadas, em uma carta do pontífice para o imperador Maurício. Além da supracitada descrição, o papa lamentava o fato do exarca quebrar o acordo de paz que ele havia concluído, como também, pela retirara das tropas desta urbe para defender a região de Perugia. Em nossa opinião, o bispo romano faz uso de uma retórica persuasiva que se servia de uma imagem familiar em uma sociedade escravista.

De certa forma, não encontramos nas epístolas episódios incomensuráveis de violência que caracterizam alguns enxertos dos *Dialogi*, no qual os lombardos (e como vimos os godos) aparecem como bárbaros cruéis e impiedosos que matavam inclusive padres e monges, se não fossem impedidos por algum milagre. Neste sentido, citamos o caso em que Gregório I (*Dialogi,* III.38) nos conta que um dia, no tempo do papa João III (561-574), o bispo Redento de Ferento, durante uma viagem em sua diocese, fez uma visita à igreja do mártir Eutíquio. Quando caiu a noite, sentou-se ao lado da sepultura do santo e iniciou sua vigília em profunda reflexão. Algumas horas depois, o mártir, em pessoa, estava diante dele e lhe perguntava: “Está acordado, Redento?”. “Estou acordado”, ele respondeu. Novamente o santo: “E o fim de toda carne, o fim de toda carne está chegando, o fim chegou para seu corpo”.

Após pronunciar por três vezes a profecia, a imagem do santo desapareceu. O bispo Redento começou a rezar. Pouco depois no céu, em direção ao norte, apareceram sinais assustadores, entre os quais lanças e flechas flamejantes. “Pouco depois, o selvagem povo dos Lombardos, deixaram os confins de sua terra natal, e assolaram nossas cabeças”. Gregório I não deixa nenhuma dúvida sobre o fato que a profecia se realizou, pelo menos na Itália:

[...] pois as cidades estão despovoadas, as fortalezas destruídas, igrejas queimadas, os mosteiros – seja masculinos ou femininos – estavam extinguindo-se, os campos abandonados por aqueles que poderiam cultivar, solitária e vazia está a terra, pois nenhum proprietário a habita, os animais selvagens se instalaram em locais onde antes viviam numerosos homens. Eu não sei o que acontece em outras partes do mundo. Em todo caso, nesta região no qual vivemos o fim do mundo não só se anuncia, mas se mostra” (*Dialogi* III, 38)[[44]](#footnote-44).

A mensagem do texto é clara, os lombardos eram um sinal do apocalipse. Gregório I, portanto, enquadra-se, pelo menos no que diz respeito a esta passagem, na longa tradição de interpretação apocalíptica da invasão “bárbara”. No entanto, esta caracterização assume traços pessoais quando olhamos para este personagem. Pois, de certa forma, foi o seu interesse em ampliar, em vez de diminuir, a sensação de crise que o levara ao poder (LEYSER, 2000, p. 146). Assim, este pontífice transforma esta tensão escatológica em um discurso moral, ou seja, em uma “linguagem de poder” (GAJANO, 2004, p. 239).

Contudo, quando voltamos nossos olhos para as epístolas encontramos uma atitude diferente da associação presente nos *Dialogi*. A primeira epístola (*EP.* I.XVII) no qual os lombardos são mencionados é datada de janeiro de 591. Portanto, depois da morte do rei Autari (584-590). Vale lembrar que este governante havia proibido o batismo católico dos filhos dos lombardos. E mais, Gregório atribuiu a precoce morte do rei a um castigo divino. Este documento insta todos os bispos da Itália a aconselhar os lombardos a reconciliarem-se com a Igreja Romana, para evitar posterior punição divina, uma vez que, pelo menos a seus olhos, era iminente a peste.

Este mesmo tema é reafirmado em setembro do mesmo ano em uma epístola ao bispo de Narni (*Ep.* II.II). Trata-se novamente de lembrar a população do perigo da epidemia como de advertir os lombardos e os romanos a retomar a fé católica[[45]](#footnote-45), pois, “[...] a misericórdia divina, através da conversão, lhes ajudará ainda nesta vida; ou, se chegar a sua vez de morrer, passará para o outro mundo livre de seus pecados – que é ainda mais desejável[[46]](#footnote-46)”.

Tem-se frequentemente concluído a partir deste trecho, por parte da historiografia, que Gregório I preferia um lombardo, mesmo convertido, morto do que vivo (MARKUS, 1999, p. 100). Porém, adotamos a postura mais conservadora defendida por W. Pohl (2008, p. 19), que postula a tese de que o papa preferia uma alma salva eternamente a uma vida salva provisoriamente. Ainda mais, porque havia sempre o risco de se cometer novos pecados e, por extensão, do castigo divino, no caso, a peste.

A partir das duas epístolas mencionadas acima podemos fazer duas observações. A primeira, de que o perigo lombardo se funda principalmente no fato serem pagãos ou heréticos. E, como consequência, sempre eram expostos a punição de Deus. A repreensão divina, às vezes, atingia apenas a pessoa responsável pela difusão da heresia, como no caso do rei Autari. Mas, muitas vezes, sobretudo quando se tratava da peste, toda a comunidade estava sujeita a tais riscos. E pertinente sublinhar que nem sempre a “correção” se restringia apenas aos lombardos. Basta olharmos para o caso de Narni, no qual, também se incluíam os romanos. Em resumo, os lombardos, na visão gregoriana, apesar de fazerem parte sociedade cristã na Península Itálica constituíam-se um risco não apenas no âmbito militar e político, mas também, espiritual. A segunda consideração diz respeito à exortação aos bispos a pregação da fé romana. Pois, na descrição gregoriana, os heréticos não possuíam uma postura irredutível, havendo, portanto, sempre a esperança de convencê-los a conversão.

Encontramos em outra epístola (*Ep.*VII.XXIII)um exemplo de um lombardo católico que viveu nos tempos de governo de Autari. Neste documento, Gregório relatou que um lombardo havia encontrado uma chave feita de ouro na região de Transpadana. Sem reconhecer que este objeto era uma relíquia – no caso, a chave de são Pedro –, tal homem, na presença real, tentou dividir o artefato. Porém, no instante que ia fazê-lo caiu morto.

Como nenhum dos homens que acompanhavam o monarca ousaram tocar na chave, chamaram Mimiulfo, que era católico e lombardo. Este a pegou sem nenhum problema[[47]](#footnote-47). Em seguida, o governante mandou fabricar uma segunda chave, enviando ambas para o papa Pelágio II. Percebemos que, mesmo Autari, segundo a ótica gregoriana, não era simplesmente herético e bárbaro, pois havia a esperança de convertê-lo. Pois, pelo menos neste caso, ele agiu como um rei cristão, ao enviar a chave ao pontífice.

Em outro episódio, descrito nos *Dialogi* (III.XXIX), um bispo lombardo (*Langobardorum episcopus, scilicet Arrianus*), recém-chegado em Spoleto, começou a procurar um lugar para celebrar seu culto. Podemos supor que uma cidade governada por um duque lombardo, por mais de vinte anos, não seria tarefa difícil encontrar uma igreja para uma missa ariana, mas este evento toma outro caminho.

Como não havia nenhum templo ariano, o bispo lombardo procurou o bispo católico para lhe pedir uma igreja. Solicitação categoricamente recusada pelo segundo. Em reação à negativa, o ariano anunciou a intensão de celebrar a missa na igreja de são Paulo. Apesar do responsável pela catedral barrar a porta e apagar as luzes, o bispo ariano, acompanhado de seu rebanho de fiéis, conseguiu entrar no recinto. Neste momento, miraculosamente, um luz se expandiu do alto e toda a iluminação se reacendeu, concomitantemente o sacerdote herético tornou-se subitamente cego.

Percebe-se que esta passagem é narrada com um tom hostil em relação aos lombardos arianos. Mas também é significativo o fato de Gregório I não recorrer aos habituais preconceitos antibárbaros. Pois, o único ato agressivo dos lombardos foi forçar a entrada na igreja. No final desta narrativa, acabaram todos aceitando a autoridade do bispo católico sobre a cidade ducal. Assim, a igreja de Spoleto parece ter escapado ou ter saído mais ilesa que outras regiões da dominação lombarda.

Em outra epístola (*Ep*. IX.LXXXVIII), datada de janeiro de 599, Gregório I pede para Antemio, o subdiácono da igreja napolitana e reitor do patrimônio de Campânia, devolver a propriedade de *Veneris*, situada no território de Minturno, a Stefano, o abade do mosteiro de são Marcos. Provavelmente tal domínio fora alienado ao clero da Igreja de Nápoles durante a guerra contra os lombardos; passados alguns meses após a o tratado de paz (598) com o rei Agilulfo (591-616), já se podia restituí-la. Já mencionamos acima a epístola da abolição da sé episcopal de Minturno, escrita em 590, devido à desolação do lugar (*Ep.* I.VIII). Acreditamos ser perfeitamente possível, nove anos depois, transferir a renda de uma propriedade vizinha a Minturno da igreja de Nápoles para a de Spoleto.

Também encontramos, na correspondência de Gregório I, alguns exemplos da relação, algumas vezes até amigável, com os *nefandissimi Langobardi*. Uma amostra bem conhecida encontra-se na *Ep*. IX.CXXVII, datada de 599, no qual o pontífice pede a Arechi I (591-640), duque de Benevento, ajuda com o transporte de vigas para a Basílica de são Pedro e s. Paulo.

Tal exemplo, que retrata os lombardos como inofensivos e pacíficos certamente não servem para minimizar a violência lombarda ou mesmo para substituir a imagem construída pelo pontífice dos lombardos como “bárbaros”. O presente histórico nos finais da década de 590 era diferente do período em que ocorreu a invasão e a guerra lombarda de 595. Também é provável que, como já mencionamos anteriormente, que a atitude de Gregório I tenha se alterado através dos anos, juntamente, com a situação política.

Segundo Pohl (2008, p. 22) não era a força e a agressividade a responsável pela incontrolável violência, mas a fraqueza do reino na fase inicial da conquista. Segundo o mesmo autor, a marcha do rei Alboino (560-572) e a ocupação da parte setentrional e ocidental do Vale do Pó ocorreram de forma mais organizada. Um *dominus Italiae*, título usado por este governante em Milão a partir de 570, não poderia utilizar a todo o momento o excesso de violência no território escolhido para sua fixação. Ao contrário, deveria procurar de todas as maneiras possíveis à integração entre sua etnia e a sociedade tardo-romana. Obviamente, que isto se tornou um ponto de dissenso entre o rei e seu exército. Pois, os guerreiros continuavam a saquear as regiões da Itália central e meridional, chegando até a invadir o reino dos francos.

Contudo, o período mais agitado ocorreu após o assassinato de Alboino (572) e de Clefi (572-574). Segundo Paulo Diácono (*História Langobardorum*, II.XXXII), durante o interregno de 574-584, os duques haviam despojado a Igreja, assassinado os sacerdotes, dizimado a população e arruinando as cidades. Tal caracterização dialoga com o trecho dos *Dialogi* (III.XXXVIII). Claro que foram anos repetidos de guerra e pilhagem que marcam o pano de fundo da supracitada obra pontifical. Porém, para além desse cenário escuro, achamos válido lembrar que tal obra também nos proporciona tanto narrativas hagiográficas como as experiências trágicas dos contemporâneos de Gregório I.

Quando, provavelmente em 577/578, duas importantes embaixadas ítalo-bizantinas chegaram a Constantinopla para solicitar uma ação decisiva contra os lombardos, o imperador Tibério II propôs recorrer aos velhos meios da diplomacia bizantina: dar dinheiro a Panfronio, um senador romano, para convencer, se fosse possível, alguns líderes lombardos, ávidos pela cobiça, a passar com seus homens para as fileiras romanas (POHL, 2008, p. 23). O dinheiro bizantino produziu alguns resultados, pois, de fato, certo número de duques lombardos passou, ao menos por um determinado tempo, para o serviço do Império.

Alguns deles, inclusive, fizeram carreira no Exército romano, como Droctulfo. Indivíduo de origem germânica, mencionado em uma das epístolas de Gregório Magno (*Ep.* IX.IX). Segundo este documento, tal sujeito fora no passado “inimigo público” (“*de hostibus ad rem publicam”*). Uma carreira ainda mais notável foi a de Nordulfo, que rapidamente se tornou patrício, do qual Gregório I queixa-se amargamente na epístola (V.XXXVI) enviada ao imperador Maurício (595): “Recentemente, ouvi dizer que você tem dado mais crédito a Nordulfo do que a mim” (“*Et dudum noui quoniam Noorduulfo plus est creditum quam mihi*”). Contudo, em 592, Ariulfo, duque de Spoleto, dispunha das tropas de Nordulfo. Talvez, porque, ele era até certo ponto aliado dos romanos. Assim, Gregório pediu à remuneração que pertencia a Nordulfo para a manutenção do seu exército.

Pedir aos inimigos ajuda para pagar os vencimentos de suas tropas parece, à primeira vista, um absurdo. Mas a lógica dos líderes lombardos não era a de simples oposição entre os de sua etnia e os romanos. Eles seguiam sua carreira passando facilmente de uma parte para outra, considerando-se dignos, pelos seus serviços militares, de receberem consideráveis pagamentos e presentes da parte do Império. Se por ventura, se sentissem mal pagos ou destratados, aumentavam a pressão seja via gestos ameaçadores ou via violência calculada. Isto é, tais ações não eram atos de guerra orientados a aniquilação dos romanos, mas, sobretudo sinais destinados a melhorar a própria posição nas negociações que viriam a seguir. Estes jogos de poder da nobreza guerreira germânica no solo romano eram bem conhecidos desde o final do século IV. Gregório Magno sabia bem jogá-lo e, de fato, se gabava de jogar melhor que os exarcas e dos conselheiros romanos do Imperador na distante Constantinopla.

Por exemplo, na epístola mencionada acima (*Ep.* V.XXXVI), no qual o pontífice escrevendo para o imperador, em 595, critica duramente a política dos militares bizantinos. Ariulfo, insiste, que já esta sinceramente pronto para se aliar com os romanos. O exarca, seguindo os conselhos de Nordulfo, escolhera a guerra, mas segundo Gregório I com meios insuficientes. É notável que sobre este ponto a biografia do papa no *Liber Pontificalis* (1955, p. 312) contradiz o pontífice. A única referência aos lombardos e a guerra neste breve texto é uma frase seca: “Nestes tempos, o patrício e o exarca romano estavam em Roma”[[48]](#footnote-48) e enumera muitas cidades conquistadas pelo representante imperial.

A retórica epistolar sobre a espada lombarda e suas possessões na península sublinhava o quanto Roma devia sofrer devido à errônea política bizantina. Tendo isso em mente não é de se estranhar que em uma epístola (V.XL), também escrita em 595, remetida a Sebastião, bispo de Risano, o papa afirme que a malícia do exarca Romano era de longe pior que a espada lombarda. Nas palavras do pontífice:

“Em breve, todavia, declaro que a maldade em relação a nós tem superado a espada dos lombardos, a tal ponto que os inimigos que nos matam parecem-nos benfeitores, em comparação com os agentes públicos que nos destroem com sua perfídia, sua rapina e suas mentiras” (*Ep*. V.XL)[[49]](#footnote-49).

Aqui, torna-se evidente um dissenso político basal em Gregório I e os representantes bizantinos. O papa percebeu que não seria provável, com os meios militares disponibilizados pelos bizantinos na Itália, uma reconquista peninsular. O pontífice parece defender o emprego de métodos de guerra suja, assassinando o rei ou os duques, instigando o conflito interno ou colocando armadilhas.

Tal asseveração fundamenta-se na interpretação das famosas palavras gregorianas, quando este afirma: “que se eu, teu servo, queria estar envolvido na morte, por exemplo, dos lombardos, hoje o povo Lombardo não teria nem soberano, nem duques, nem rendas, e seria dividida por uma grande confusão” (*Ep*. V.VI)[[50]](#footnote-50). Tais frases se encontram no contexto de uma epístola remetida ao representante pontifical em Constantinopla, o diácono Sabiniano. Havia um rumor de que um bispo da Dalmatia colocado sob custódia por má conduta foi assassinado por homens do papa. Gregório I argumentou que jamais usaria de tais métodos, mesmo que fosse possível, contra seus inimigos.

Certamente, um hábil diplomata saberia tirar o máximo proveito dos permanentes conflitos entre o rei e seus duques. No entanto, “uma grande confusão” não poderia ser o escopo do bispo romano. Pois, na prática, o mesmo procurou, com muita insistência, uma estratégia de paz. Especialmente, com os tradicionais métodos da diplomacia romana: escolher interlocutores oficiais, dar presentes, criar laços de confiança para, finalmente, tentar reforçar sua posição entre a elite lombarda aberta a firmar um compromisso até a situação se estabilizar.

Após anos de negociações, mediações e reclamações oriundas de Gregório I, surge da outra parte, com um influencia crescente na tratativa, a rainha Teodolinda (570-628). Para facilitar um acordo com o governo lombardo, o papa estava disposto a silenciar-se sobre a orientação tricapitolina, portanto cismática, dos líderes cristãos não arianos do reino. Enquanto o exarcado seguia uma linha dura com o patriarca cismático de Aquileia, o pontífice não insistia sobre as deliberações do Quinto Concílio Ecumênico[[51]](#footnote-51) com a governante e seus conselheiros.

A hesitação no aprofundamento do debate sobre os Três Capítulos da Igreja Romana no reino lombardo certamente era política. Assim, testemunha uma carta ao bispo Constâncio de Milão (*Ep*. IV.XXXVII)[[52]](#footnote-52):

A respeito do que você [Constâncio] me escreveu, de que absolutamente não queria entregar à rainha Teodelinda minha carta pelo fato de que fora mencionada o Quinto Concílio. Se você acredita que ela poderia ficar chocada com essa menção, fez muito bem em não transmiti-la. Então, fazemos agora o que você recomendou, ou seja, devemos apenas expressar a aprovação dos quatro sínodos. Quanto ao concílio que foi realizado mais tarde, em Constantinopla, que é por muitos chamado de quinto, quero que você saiba que tudo que foi determinado e estabelecido não contrariou os quatro concílios santos, já que foi somente nesse que se tratou do problema das pessoas e não de questões de fé; e das pessoas nada é dito no Concílio de Calcedônia[[53]](#footnote-53) (*Ep*. IV.XXXVII).

Precedentemente, Gregório havia escrito uma Epístola (IV.IV) a Teodolinda enumerando os cinco sínodos fundamentais para a fé católica. O bispo Constâncio deveria entrega-la a governante lombarda, mas se recusou, pois o Quinto Concílio, que havia condenado os Três Capítulos, não era aceito pela rainha. Pelo que vimos, Gregório I agradeceu o bispo de Milão por não ter transmitido a epistola papal. A epístola remetida a Teolinda que menciona só os quatro concílios ecumênicos está contida no *Registrum* (*Ep*. IV.XXXIII). Alguns bispos tricapitolinos do reino haviam pedido a rainha para suspender a comunhão com Roma, o que obrigou o pontífice a reagir sublinhando os pontos em comum, sobretudo, a absoluta fé no Concílio de Calcedônia. Vale lembrar que os cismáticos acreditavam que a sentença dos Três Capítulos estava em contradição com Calcedônia.

Poucos anos depois, um monge de nome Secondino pedia a Gregório I uma exposição detalhada da posição papal sobre o Quinto Concílio Ecumênico Constantinopolitano de 533, portanto, sobre a questão dos Três Capítulos. Tema efetivamente abordado pelo papa, embora não com a amplitude desejada, na sua resposta (*Ep*. IX.CXLVIII). O pontífice tentou fugir pela tangente afirmando que não responderia devido a sua grave condição de saúde, mas lhe mandava as atas do supracitado sínodo. Tal personagem, segundo W. Pohl (2008, p. 26), certamente, pode ser identificado como Secondo de Trento, monge e conselheiro eclesiástico da rainha Teodolinda.

Pouco antes de sua morte, em dezembro de 603, o papa em uma carta a monarca lombarda repetia a desculpas por não ter respondido a Secondo, ao mesmo tempo que a parabenizava pelo batismo católico de seu filho Adaloaldo, como também, pelo acordo de paz (*Ep*. XIV, XII). A política religiosa da rainha lombarda contou com o apoio dos bispos católicos e de grande parte da população romana. Não apenas o bispo, mas também os *cives* da Brescia haviam pedido ao arcebispo de Milão para jurar em favor dos Três Capítulos (*Ep*. IV.XXXVII).

Em todo o *Registrum* de Gregório quase não há epístolas diretas aos bispos do reino lombardo. Em uma dessas raras vezes o papa envolveu-se em um conflito do bispo de Torino com os francos. A questão envolvia alguns territórios que passaram para a jurisdição dos francos (Ep. IX.CCXV; IX.CCXXVII). Mas de forma geral, não há nada relacionado diretamente para as regiões de Pavia, Verona, Lucca, Bergamo. Da Brescia, temos apenas aquela menção do conflito do bispo tricapolitano com o arcebispo de Milão (*Ep.* IV.XXXVII; IX.CLXXXVII). Certo e que naquele período: “A Igreja da Itália Setentrional entrou na órbita da sé metropolitana de Milão e Aquileia” (GAJANO, 2004, p. 93) e não só a jurisdição metropolítica romana, como o resto da Península Itálica. Porém, o horizonte do *Registrum* vai muito além do distrito metropolitano de Roma.

Um bom exemplo disso se deu em 595, quando houve a possibilidade de se tratar diretamente com dois bispos da Istria – Pedro (de Altino) e Providêncio (não identificado). Gregório I os convidou a visitarem Roma, dando toda a garantia de segurança (*Ep.*V.LVI). Era pouco provável que o perigo sofrido pelos bispos tricapitolinos derivassem dos lombardos, em vez disso, seria a autoridade bizantina que se configurava como um risco que o papa esperava atenuar com a sua epístola. Vale lembrar que a região de Altino foi reconquistada pelos bizantinos poucos anos antes, portanto, Pedro deveria temer alguma represália por parte da autoridade de Ravenna. O que sugere que tal prelado preferia, por motivos óbvios, o contato com o papa sobre suas dúvidas. De modo similar, parece pouco convincente que o autor anônimo da carta contra o bispo João de Ravenna

Não foi o Estado lombardo quanto ao cisma dos Três Capítulos a impedir que a voz do papa se fizesse sentir diretamente na Itália Setentrional. O metropolitano de Aquileia reuniu repetidas vezes sínodos de orientação tricapitolina, contudo não há nenhum vestígio de ligações diretas com o papa (Pohl, 2008, p. 27). As igrejas ariana do reino lombardo – também tricapiolinas – certamente eram mais próximas ás cortes lombardas que o papa. A política eclesiástica de Teodolina inicialmente não pretendia constituir uma Igreja unitária nos seus domínios.

Posteriormente, contudo, coube a Secondo, conselheiro real, e agindo a pedido de Teodolinda, a tratar com Gregório I, sob as possibilidades de unidade da Igreja na Península Itálica. Torna-se de modo mais compreensível a preocupação recorrente do pontífice de que população romana, do que em qualquer outra parte do antigo Império Romano Ocidental, pudesse preferir o domínio lombardo ao imperial. Ou seja, a opção germânica se apresenta como uma forma de fugir do desgoverno bizantino e de seus pesados impostos, como no caso de Nepi e da Córsega (Ep. II.XXVIII), mas também da doutrina imposta pelo exarca, ao qual o papa devia também defender.

O mundo político da Itália durante o pontificado de Gregório I, como se vê, era muito complicado. Pois tanto os lombardo como os romanos, apesar de viverem mesclados, eram divididos em grupos e correntes muitas vezes contrastantes. Seja a unidade política da Península seja a unidade religiosa da Igreja estavam fora do alcance do pontífice. Por fim, achamos pertinente ressaltar que não convém reduzir a uma simples contraposição entre os lombardos “bárbaros, agressivos e heréticos” de um lado, e os romanos “católicos” sob assédio quase que contínuo de outro. Eram tempos de guerra, nos quais os lombardos muitas vezes eram os inimigos, mas não há qualquer vestígio que como tal se comportassem de forma mais violenta e barbárica que as tropas bizantinas.

Assim, para compreender as atitudes, os esforços e os méritos de Gregório I, devemos compreender plenamente as muitas tensões e contradições da paisagem política no qual ele estava se movendo. Neste sentido, como podemos observar, as suas epístolas, com toda a sua complexidade, é uma chave preciosa do universo agitado deste pontífice.

1. *Dialogi*, III.1.2: Cum saevientium Vandalorum tempore fuisset Italia in Campaniae partibus depopulata, multique essent de hac terra in Africanam regionem transducti, vir Domini Paulinus cuncta quae ad episcopii usum habere potuit captivis indigentibusque largitus est. [↑](#footnote-ref-1)
2. *Dialogi*. III.1. 13-14: Sic que factum est ut omnipotentis Dei famulus Paulinus vera praediceret, et qui se in servitium solum tradiderat, cum multis a servitio ad libertatem rediret, illum videlicet imitatus qui formam servi assumpsit, ne nos essemus servi peccati. [14] Cuius sequens vestigia Paulinus, ad tempus voluntarie servus factus est solus, ut esset postmodum liber cum multis. [↑](#footnote-ref-2)
3. *Dialogi*. III, I.10: Sed quia haec, quam superius dixi, Paulini virtus valde est intima, nunc, si placet, ad miracula exteriora veniamus, quae et multis iam nota sunt, et ego tam religiosorum virorum relatione didici, ut de his omnimodo ambigere non possim. [↑](#footnote-ref-3)
4. O flagelo é um instrumento de correção muito recorrente na linguagem gregoriana. Apenas citando alguns exemplos: *Moralia in Iob XVIII.22 e XXXIII*.8 ou o *Registrum Epistolarum VIII.4* [↑](#footnote-ref-4)
5. *Dialogi*, III.I.13: “Alguns dias depois, o rei dos Vândalos morreu, e o flagelo que eles sofreram, por desejo de Deus, para retomar a disciplina que havia se perdido”. [↑](#footnote-ref-5)
6. *Dialogi,* III.I.5: “vir barbarus typho superbiae turgidus, gaudio transitoriae prosperitatis inflatus non solum facere, sed etiam audire despiceret”. [↑](#footnote-ref-6)
7. *Dialogi*, XXXII.1: “Justiniani quoque Augusti temporibus, dum contra catholicorum fidem exorta a Vandalis persecutio Ariana in Africa” [↑](#footnote-ref-7)
8. *Dialogi* III, XXXII.1: “quia ita post pro defensione veritatis etiam sine lingua loquebantur” [↑](#footnote-ref-8)
9. *Dialogi*, III, XXXII, 3: “Hi itaque, eo tempore profugi, ad Constantantinopolitanam urbem venerunt. Eo quoque tempore quo pro explendis responsis Ecclesiae ad principem ipse transmissus sum, seniorem quemdam episcopum reperi qui se adhuc eorum ora sine linguis loquentia vidisse testabatur, ita ut apertis oribus clamarent: Ecce videte, quia linguas non habemus et loquimur”. [↑](#footnote-ref-9)
10. *Dialogi*, III, XXXII, 3: Sed haec nos pro Arianae haereseos damnatione dixisse sufficiat [↑](#footnote-ref-10)
11. ONESTI, 2002, p. 74: “La Chiesa cattolica há contribuito a gran voce ala *damnatio memoriae* del regno vandálico, che aveva limitato la sua libertà e annullato la sua posizione di totale privilegio, nonché spogliata dei beni che venivano passati ala rivale Chiesa ariana. Certo i Vandali non erano stati né tolleranti né lungimiranti come gli Ostrogoti in Italia, ma avevano fato ricorso a misure persecutorie più che energiche e spietate”. [↑](#footnote-ref-11)
12. BERTINI, 1974, p. 77: “un'arringa in forma di supplica rivolta dalla Chiesa africana all'imperatore bizantino per ottenere il suo intervento contro i re vandali” [↑](#footnote-ref-12)
13. PLACANICA, 2001, p. 240: “in centocinquant’anni della sua stori, un secolo e mezzo nel quale essa si trovò a confrontarsi con l’ostilità aperta del nemico esterno, l’*Arrianus furor* dei Vandali invasori...”. [↑](#footnote-ref-13)
14. ISOLA, 1990, p. 77: Non è il *barbarus* che acende contro di se l’animosità dei cattolici, ma il *barbarus-arianus,* l’empio che irretisce com lusinghe e minacce,sottraendo i cattolici dalla prospettiva di eterna salvezza”. [↑](#footnote-ref-14)
15. *Dialogi* IV.XXXI.4: “Etiam mortuus est: nam hesterno die hora nona inter Ioannem papam et Symmachum patricium discinctus atque discalceatus et vinctis manibus deductus, in hanc vicinam Vulcani ollam iactatus est”. [↑](#footnote-ref-15)
16. *Dialogi* IV.XXXI.5: “Et quia Ioannem papam affligendo in custodia occidit, Symmachum quoque patricium ferro trucidavit, ab illis iuste in ignem missus apparuit, quos in hac vita iniuste iudicavit”. [↑](#footnote-ref-16)
17. *Dialogi,* II.XIV.1: “sicut perfidae mentis fuit, an vir Dei prophetiae spiritum haberet explorare conatus est”. [↑](#footnote-ref-17)
18. *Dialogi,* II.XV.2: “Quibus auditis, Rex uehementer territus, oratione petita recessit: atque ex illo iam tempore minus crudelis fuit, et non multo post Romam adiit, ad Siciliam perrexit, anno autem regni sui decimo omnipotentis Dei iudicio regnum cum uita perdidit”. [↑](#footnote-ref-18)
19. *Dialogi,* III.V.2: “... rex laetus erubuit, quia, quamuis ipse deprehensus est, in uiro tamen Dei quod quaerebat inuenit”. [↑](#footnote-ref-19)
20. *Dialogi* III.XII.3: “illa mens effera ad magnam eius reuerentiam uersa est, cuius poenam prius insatiabili furore sitiebat” [↑](#footnote-ref-20)
21. *Dialogi* III.XIII.3: “...corpus uero episcopi ac si die eodem esset sepultum, et quod est adhuc magna admiratione uenerandum, quia ita caput eius unitum fuerat corpori, ac si nequaquam fuisset abscisum, sic uidelicet ut nulla uestigia sectionis apparerent.” [↑](#footnote-ref-21)
22. Não há notícias desse general em qualquer outra fonte além dos *Dialogi.* Porém, o episódio narrado neste trecho da obra gregoriana está associado a passagem de Totila através do Sannio, em sua marcha da Toscana para Nápoles. [↑](#footnote-ref-22)
23. *Dialogi* I.II.2-3: “In eadem provincia Samnii, quam supra memoravi, idem vir pro utilitate monasterii carpebat iter. Dumque Darida Gothorum dux cum exercitu in loco eodem venisset, Dei servus ex caballo in quo sedebat, ab hominibus eius proiectus est. Qui iumenti perditi damnum libenter ferens, etiam flagellum quod tenebat, diripientibus obtulit, dicens: ‘Tollite, ut habeatis qualiter hoc iumentum minare’ possitis; quibus dictis protinus se in orationem dedit. Cursu autem rapido praedicti ducis exercitus pervenit ad fluvium, nomine Vulturnum, ibique equos suos coeperunt singuli hastis tundere, et calcaribus cruentare; sed tamen equi verberibus caesi, calcaribus cruentati, fatigari poterant, moveri non poterant; sicque aquam fluminis tangere quasi mortale praecipitium pertimescebant. Cumque diu caedendo sessores singuli fatigarentur, unus eorum intulit, quia ex culpa quam servo Dei in via fecerant, illa sui itineris dispendia tolerabant. Qui statim reversi, post se Libertinum reperiunt in oratione prostratum. Cui cum dicerent: ‘Surge, tolle caballum tuum’; ille respondit: ‘Ite cum bono, ego caballo opus non habeo’. Descendentes vero, invitum eum in cabellum de quo deposuerant, levaverunt, et protinus abscesserunt. Quorum equi tanto cursu illud quod prius non poterant transire flumen, transierunt, ac si ille fluminis alveus aquam minime haberet. Sicque factum est ut cum servo Dei unus caballus suus redditur, omnes a singulis reciperentur”. [↑](#footnote-ref-23)
24. *Dialogi* II.XXXI.1: Gothorum quidam, Zalla nomine, perfidiae fuit arianae, qui Totilae Regis eorum temporibus, contra Catholicae Ecclesiae religiosos viros ardore immanissimae crudelitatis exarsit, ita vt quisquis ei Clericus monachusue ante faciem venisset, ab eius manibus vivus nullo modo exiret. Quadam vero die auaritiae suae aestu succensus, in rapinam rerum inhians, dum quemdam rusticum tormentis crudelibus affligeret, eumque per supplicia diuersa laniaret; victus poenis rusticus, sese res suas Benedicto Dei famulo commendasse professus est, vt dum hoc a torquente crederetur, suspensa interim crudelitate, ad horam vita repararetur. [↑](#footnote-ref-24)
25. *Dialogi* II.XXXI,2-3: Tunc idem Zalla cessauit rusticum tormentis affligere, sed eius brachia loris fortibus adstringens, ante equum suum coepit impellere, vt quis esset Benedictus qui eius res susceperat, demonstraret. Quem ligatis brachiis rusticus antecedens, duxit ad sancti viri monasterium, eumque ante ingressum cellae solum sedentem reperit et legentem. Eidem autem subsequenti et saeuienti Zallae rusticus dixit: Ecce iste est, de quo dixeram tibi, Benedictus Pater. Quem dum feruido spiritu cum peruersae mentis insania fuisset intuitus, eo terrore quo consueuerat acturum se existimans, magnis coepit vocibus clamare, dicens, Surge, surge, et res istius rustici redde quas accepisti. Ad cuius vocem vir Dei protinus oculos leuauit a lectione, eumque intuitus, mox etiam rusticum qui ligatus tenebatur attendit. Ad cuius brachia dum oculos deflexisset, miro modo tanta se celeritate coeperunt illigata brachiis lora dissoluere, vt dissolui tam concite nulla hominum festinatione potuissent. Cumque is, qui ligatus venerat, coepisset subito adstare solutus, ad tantae potestatis vim tremefactus Zalla, ad terram corruit, et ceruicem crudelitatis rigidae ad eius vestigia inclinans, se orationibus illius commendauit. Vir autem sanctus a lectione minime surrexit: sed vocatis Fratribus, eum introrsus tolli, vt benedictionem acciperet, praecepit: quem ad se reductum, vt a tantae crudelitatis insania quiescere deberet, admonuit. Qui fractus, recedens, nil vlterius petere a rustico praesumpsit, quem vir Domini non tangendo, sed respiciendo soluerat. [↑](#footnote-ref-25)
26. *Dialogi* II.XXXI.4: “Ecce est, Petre, quod dixi, quia hi, qui omnipotenti Deo familiarius seruiunt, aliquando mira facere etiam ex potestate possunt. Qui enim ferocitatem Gotthi terribilis sedens repressit, lora vero nodosque ligaturae, quae innocentis brachia adstrinxerant, oculis dissoluit; ipsa miraculi celeritate indicat, quia ex potestate acceperat habere quod fecit”. [↑](#footnote-ref-26)
27. *Dialogi* II.XXX.4: “Nam duo quoque fidelis Dei famuli Benedicti facta nunc replico, in quibus aperte clareat aliud hunc accepta diuinitus ex potestate, aliud ex oratione potuisse”. [↑](#footnote-ref-27)
28. *Dialogi* II.VI.2: “Ecce, labora, et noli contristari”. [↑](#footnote-ref-28)
29. *Dialogi* III.XIV.1: “*Prioribus quoque temporibus Gothorum fuit iuxta Spolitanam urbem uir uitae uenerabilis, Isaac nomine, qui usque ad extrema paene Gothorum tempora peruenit*”. [↑](#footnote-ref-29)
30. *Dialogi* IV.XIV.1: “*Gothorum manque temporibus Galla, huius urbis nobilíssima puella, Symmachi consulis ac patricii filia, intra adolescentiae tempora marito tradita, in unius anni spatio eius est morte uiduata*”. [↑](#footnote-ref-30)
31. *Dialogi* IV.XXXII.2: “*Gothorum tempore quidam spectabilis uir, Reparatus nomine, uenit ad mortem*”. [↑](#footnote-ref-31)
32. *Dialogi* III.II.1: “Gothorum tempore, dum Iohannes uir beatissimus, huius romanae ecclesiae pontifex, ad Iustinum seniorem principem pergeret, in Corinthi partibus aduenit”. [↑](#footnote-ref-32)
33. *Dialogi* III.III.1: “Post non multum uero temporis exigente causa Gothorum, uir quoque beatissimus Agapitus, huius sanctae Romanae ecclesiae pontifex, cui Deo dispensante deseruiu, ad Iustinianum principem accessit”. [↑](#footnote-ref-33)
34. *Ep*. IV.XIX: “....pensiones omnium domorum in hac urbe constitutarum, quas praedicta ecclesia temporibus habuisse Gothorum constiterit...” [↑](#footnote-ref-34)
35. *Homiliae in evangelia* II.XXXII.7: “Gothorum tempore matrona quaedam fuit ualde religiosa...” [↑](#footnote-ref-35)
36. GAJANO, 2004, p. 255: “I Goti sono certo perfidi e crudeli, il loro re Totila è anzi il *rex crudelissimus* per antonomásia, eppure finiscono per essere inseriti e coinvolti spesso final al ravvedimento in quella stessa realtà religiosa che cercano di distruggere o ridicolizzare. Se in alcuni casi appaiono già spontaneamente curiosi della santità e delle sue manifestazioni, non c'è episódio che non si concluda con la loro devota sottomissione all'uomo che volevano perseguitare, schermire o ingannare”. [↑](#footnote-ref-36)
37. GAJANO, 2004, p. 257: “...un problema politico, militare, diplomático, non un problema religioso (...): essi rimangono estranei alla realtà religiosa dei santi dei Dialogi”. [↑](#footnote-ref-37)
38. REYDELLET, 1981: “*Il est remarquable que Gregóire le Grand (...) n'ait gardé de l'époque ostrogothique d'autre souvenir que celui des luttes désespérées de la fin*”. [↑](#footnote-ref-38)
39. Basta pensar aqui, por exemplo, nas *Variae* de autoria de Cassiodoro, colaborador do rei ostrogodo. [↑](#footnote-ref-39)
40. *Ep*. XIII.XXXIX: “Qualiter enim *cotidianis gladii et quantis Langobardorum incursionibus ecce iam per triginta et quinque annorum longitudinem premimur, nullis explere suggestioni uocibus ualemus*”. [↑](#footnote-ref-40)
41. *Ep.* I.XXX: “*quorum sinthichiae spatae sunt et gratia poena*”. [↑](#footnote-ref-41)
42. Entre eles podemos citar: R. Markus (1997, p. 97) e C. Straw (1988, p. 81). [↑](#footnote-ref-42)
43. Por exemplo as mencionadas nas seguintes epístolas: *Ep* I.VIII; II.XIII; III.XXX; VI.IX. [↑](#footnote-ref-43)
44. *Dialogi* III, 38: “Nam depopulatae urbes, euersa castra, concerematae ecclesiae, destructa sunt monasteria uirorum atque fenimarum. Desolata ab hominibus praedia atque ab omni cultore destituta in solitudine uacat terra. Nullus hanc possessor inhabitat. Occupauerunt bestiae loca, quae prius multitudo hominum tenebat. Et quid in aliis mundi partihus agatur ignoro, nam hac in terra, in qua uiuimus, finem suum mundus non iam nuntiat, sed ostendit”. [↑](#footnote-ref-44)
45. *Ep.* II.II: [...] instantissime suademus ut a Langobardorum siue Romanorum qui in eodem loco degunt admonitione siue exhortatione nulla ratione cessetis, et máxime a gentilium et haereticorum, ut ad ueram rectamque fidem catholicam conuertantur. [↑](#footnote-ref-45)
46. *Ep.* II.II: [...] diuina misericórdia pro sua forsan eis conuersione er in hac uita subueniet, aut, si eos migrari contigerit, a suis, quod et magis optandum est, transeunte facinoribus absoluti. [↑](#footnote-ref-46)
47. Nas palavras de Gregório I, (*Ep.*VII.XXIII): Tunc quidam Langobardus catholicus, qui sciebatur orationi er elemosinis deditus, Mimiulf nomine, uocatus est atque ispse hanc leuauit de terra. [↑](#footnote-ref-47)
48. Liber Pontificalis 66, 1955, p. 312: “In questi tempi, il patrizio ed esarca Romano veniva a Roma”. [↑](#footnote-ref-48)
49. *Ep*. V.XL: “Breutier tamen dico quia eius in nos malitia gládios Langobardorum uicit, ita ut benigni uideantur hostes, qui nos interimunt, quam reipublicae iudices, qui nos malitia sua, rapinis atque fallaciis in cogitatione consumunt”. [↑](#footnote-ref-49)
50. *Ep*. V.VI: "quia, si ego seruus eorum in morte uel Langobardorum me miscere uoluissem, hodie Langobardorum gens nec regem nec duces nec comitês haberet atque in summa confusione esset diuisa”. [↑](#footnote-ref-50)
51. O Cisma dos Três Capítulos foi encerrada no Concílio de Constantinopla de 553. Tal sínodo, que ficou conhecido como o Quinto Concílio Ecumênico, foram condenados, a mando de Justiniano, Teodoro de Mopsuéstia, Teodoreto de Ciro e Ibas de Edessa (Três Capítulos). Para agradar os Monofisistas, desconsiderou-se que tanto Teodoreto como Ibas haviam sido reabilitados no Quarto Concílio Ecumênico de Calcedônia (451). A denominação de Três Capítulos deriva dos três anátemas lançados em um edito de Justiniano, anterior ao Concílio de Constantinopla (DI BERARDINO, 2002, p. 1385). [↑](#footnote-ref-51)
52. *Ep*. IV.XXXVII: “Quod autem scripsistis quia epistolam meam reginae Theodelindae transmittere minime uoluistis, pro eo quod in ea quinta synodus nominabatur, si eam exinde scandalizari posse credidistis, recte factum est ut minime transmitteretis. Vnde nunc ita facimus sicut uobis placuit,ut quattuor solummodo synodos laudaremus. De illa tamen synodo, quae in Constantinopoli postmodum facta est, quae a multis quinta noinatur, scire uos uolo quia nihil contra quattuor sanctissimas synodos constituerit uel senserit, quippe quia in ea de personis tantummodo, non autem de fide aliquid gestum est, et de eis personis de quibus in Chalcedonensi concilio nihil continetur”. [↑](#footnote-ref-52)
53. Tal afirmação não é exata, pois, como sabemos o Concílio de Calcedônia havia reabilitado Teodoreto de Ciro e Iba de Edessa. [↑](#footnote-ref-53)